



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CAMILA DOS SANTOS BEZERRA

**A LITERATURA SURDA E A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA
SURDA: ANÁLISE DA OBRA *DANIEL NO MUNDO DO SILÊNCIO*, DE WALCYR
CARRASCO**

João Pessoa - PB

2024

CAMILA DOS SANTOS BEZERRA

**A LITERATURA SURDA E A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA
SURDA: ANÁLISE DA OBRA *DANIEL NO MUNDO DO SILÊNCIO*, DE WALCYR
CARRASCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia, da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marinês Andrea Kunz

JOÃO PESSOA - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B5741 Bezerra, Camila dos Santos.

A literatura surda e a representação identitária da criança surda: análise da obra Daniel no mundo do silêncio, de Walcyr Carrasco / Camila dos Santos Bezerra. - João Pessoa, 2024.

43 f. : il.

Orientação: Marinês Andrea Kunz.

Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Literatura surda. 2. Identidade. 3. Contação de história. I. Kunz, Marinês Andrea. II. Título.

UFPB/CE


CDU 376-056.263(043.2)

CAMILA DOS SANTOS BEZERRA

A LITERATURA SURDA E A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA SURDA: ANÁLISE DA OBRA *DANIEL NO MUNDO DO SILÊNCIO*, DE WALCYR CARRASCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARINES ANDREA KUNZ**
Data: 25/10/2024 04:10:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Marinês Andrea Kunz
UFPB/DME/CE
(Orientadora)

Marinês

Prof.^a Dr.^a Izaura Maria de Andrade da Silva
UFPB/DHP/CE
(Membro da banca examinadora)

Izaura

Prof.^a Viviane Silva Cabral
UFPB/DLS/CCHLA
(Membro da banca examinadora)

JOÃO PESSOA

2024

*Dedico este trabalho à minha mãe e irmã e a
toda criança surda que deseja se sentir
suficiente - você é.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me permitir realizar esse sonho de estudar na Federal. Por ter me dado forças necessárias para continuar e não desistir, por me mostrar os caminhos a serem seguidos e sempre me abençoar nessa caminhada. Durante os dias de desespero, foi o Senhor que acalmou meu coração nos momentos de angústia e aflição. Obrigada.

A minha mãe *Cleóne Surama* e a minha irmã *Amanda dos Santos*, por estarem comigo nessa jornada da minha vida. Obrigada por todo o carinho, afeto, segurança, cúmplice e incentivo. Sem vocês esse trabalho não seria possível, esse trabalho é nosso!

Aos meus amigos de escola e da vida, *Anna Beatriz Tavares, Rafael Lima e Carol Gomes*. A nossa amizade, que enfrentou diversos estágios das nossas vidas, não poderia deixar de fora um dos mais especiais. Muito obrigada por estarem comigo, me apoiando e me incentivando, ouvindo os meus desabafos e aconselhando. Vocês são incríveis! Obrigada.

Às minhas amigas de curso, *Aldenora Giovana, Ester Batista, Francielly Santana, Larissa Moreira e Priscilla Assis*. Obrigada por toda a parceria nessa fase das nossas vidas, vocês foram essenciais para a realização dessa conquista, que a nossa amizade vá além do âmbito profissional e transcenda as raízes da amizade.

Um agradecimento especial para a minha orientadora *Marinês Andrea Kunz*, que acreditou no meu trabalho e mesmo diante do tempo curto, aceitou essa parceria, não me deixando desistir do meu sonho. Obrigada por todas as contribuições, aprendizados construídos, pelo seu carinho e empatia. Espero que a senhora entenda o quanto foi importante para mim conhecê-la. Obrigada!

As professoras *Viviane Cabral e Larissa Cassilhas*, que me mostraram a riqueza da língua de sinais, essa língua que a cada dia me sinto mais próxima. Obrigada por todos ensinamentos e por me abrirem os olhos para esse mundo dos sinais/silêncio.

Por último, mas a quem eu não poderia deixar de agradecer. Obrigada, *Thayná Costa*, por me fazer acreditar no meu potencial acadêmico e nunca me deixar abandonar, sempre lembrando que desistir não é uma opção. A sua presença foi fundamental para a conclusão desse processo. Obrigada por tudo! Serei eternamente grata a você.

A todos que, de alguma forma, me apoiaram nesse momento. Muito obrigada!

*"O que é ser uma pequena criança na escola,
numa sala sem som, com um professor que fala,
fala e fala, e, então, quando ele vem perto de
você, ele espera que você saiba o que ele disse?"
(Willerd I. Madsen, Surdo, Poeta)*

RESUMO

O presente estudo explora a Literatura Surda e a representação e construção da identidade surda na criança surda. O objetivo principal da pesquisa é investigar a importância da Literatura Surda como ferramenta essencial para promover a representação identitária e significativa da criança surda. Ademais, como objetivos específicos são: investigar a trajetória histórica da surdez, com ênfase no desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e sua influência na Literatura Surda como meio de expressão cultural e identidade da comunidade surda; examinar quais as contribuições da Literatura Surda no desenvolvimento identitário e simbólico da criança surda; analisar a representação da surdez e da Libras na obra *Daniel no Mundo do Silêncio*, de Walcyr Carrasco (2021). A pesquisa foi conduzida por meio de uma metodologia de cunho exploratório e explicativo, com abordagem bibliográfica, fundamentada em obras de autores que dialogam profundamente com o tema. Entre os principais referenciais teóricos estão Karnopp (2010), Strobel (2009) e Rosa (2011), cujos trabalhos oferecem uma análise crítica da contação de histórias na Língua de Sinais e suas implicações para a identidade surda, além de destacar como a literatura pode servir como um veículo para a preservação e promoção da cultura surda, além de fomentar o senso de pertencimento entre as crianças surdas. Os resultados da pesquisa indicam que a representação adequada das crianças surdas em diferentes gêneros literários valida sua identidade e contribui para a construção de um legado cultural significativo. Por fim, este trabalho visa contribuir para a elaboração de práticas pedagógicas inclusivas voltadas à comunidade surda, promovendo o pleno desenvolvimento das crianças e superando as barreiras impostas pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Surda; Identidade; Contação de histórias.

ABSTRACT

The present study explores Deaf Literature and the representation and construction of deaf identity in deaf children. The main objective of the research is to investigate the importance of Deaf Literature as an essential tool to promote the meaningful identity representation of deaf children. Furthermore, the specific objectives are: to investigate the historical trajectory of deafness, with an emphasis on the development of Brazilian Sign Language (Libras) and its influence on Deaf Literature as a means of cultural expression and identity for the deaf community; to examine the contributions of Deaf Literature to the identity and symbolic development of deaf children; to analyze the representation of deafness and Libras in the work *Daniel in the World of Silence*, by Walcyr Carrasco (2021). The research was conducted through exploratory and explanatory methodology, with a bibliographic approach based on works by authors who deeply engage with the theme. Among the main theoretical references are Karnopp (2010), Strobel (2009), and Rosa (2011), whose works offer a critical analysis of storytelling in Sign Language and its implications for deaf identity, as well as highlighting how literature can serve as a vehicle for the preservation and promotion of deaf culture, and foster a sense of belonging among deaf children. The research results indicate that the proper representation of deaf children in different literary genres validates their identity and contributes to the construction of a meaningful cultural legacy. Finally, this work aims to contribute to the development of inclusive pedagogical practices aimed at the deaf community, promoting the full development of children and overcoming the barriers imposed by society.

KEYWORDS: Deaf Literature; Identity; Storytelling.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do livro <i>Kika e a estrela encantada</i> , de Klícia de Araújo Campos.....	20
Figura 2: Capa do livro <i>Tons de melancolia</i> , de Lucas Gomes de Albuquerque e Kelly Priscilla Lóddo Cezar.....	20
Figura 3: Capa do livro <i>A Voz do Silêncio</i> , de Yoshitoki Oima.....	21
Figura 4: Capa do livro <i>O Grito da Gaivota</i> , de Emmanuelle Laborit.....	21
Figura 5: Capa do livro <i>Daniel no mundo silêncio</i> , de Walcyr Carrasco.....	29
Figura 6: Ilustração de sinais em Libras.....	31
Figura 7: O <i>bullying</i> na escola.....	34
Figura 8: O acidente.....	35
Figura 9: Última página do livro <i>Daniel no mundo do silêncio</i>	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: CULTURA SURDA.....	13
1.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA COMUNIDADE SURDA.....	13
1.2 O INÍCIO DAS PRODUÇÕES DA LITERATURA SURDA.....	17
CAPÍTULO 2: LITERATURA SURDA NA INFÂNCIA.....	22
2.1 LITERATURA SURDA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA.....	22
2.2 O PAPEL DO(A) PEDAGOGO(A) NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA CRIANÇA SURDA.....	26
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA OBRA <i>DANIEL NO MUNDO DO SILÊNCIO</i>, DE WALCYR CARRASCO.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

A prática da contação de histórias é um hábito ancestral que remonta aos primórdios de nossa civilização, sendo uma manifestação intrínseca em todas as culturas e regiões do nosso planeta. Originadas antes mesmo da consolidação da escrita, as narrativas emergiram como um meio primordial pelo qual os seres humanos buscavam transmitir, por via oral, relatos históricos que remontavam às experiências de seus antecessores. Ao longo dos séculos, tais narrativas foram preservadas e perpetuadas por meio de diversos suportes, desde escritos nas paredes, passando pelos pergaminhos, papiros e, por fim, em papel, como é acessado nos tempos contemporâneos.

Nesse aspecto, a literatura desempenha um papel de relevância em nossa herança cultural, ao conduzir o leitor a universos imaginários que suscitam prazer sensorial e a estimulação da sensibilidade humana. A capacidade da literatura de transcender fronteiras temporais e geográficas confere-lhe um status imprescindível na moldagem da identidade linguística e cultural de um país, assim como na formação de leitores ávidos por conhecimento e experiências literárias enriquecedoras. Diante disso, a literatura, em diversas partes do mundo, tem sido incorporada como disciplina fundamental no currículo escolar, dado seu papel crucial na promoção da competência linguística, no fomento do pensamento crítico e na construção de repertórios intelectuais e emocionais dos jovens estudantes.

A literatura representa uma fonte rica de conhecimento e informação, desempenhando uma prática importante no desenvolvimento das crianças durante a fase escolar, devendo ser estimulada no estudante desde muito cedo até pelo simples dedilhar de páginas de um livro, a perceber uma imagem, uma palavra contida, com o intuito de desenvolver a habilidade de leitura na criança. Dessa maneira, desde a infância, crianças ouvintes têm acesso a histórias infantis por meio de escuta, leitura ou outros recursos auditivos, no entanto, para crianças surdas, essa experiência muitas vezes não se faz presente devido à ausência de uma língua compartilhada. Assim, alguns autores têm apontado a importância da Literatura Surda para a representatividade das crianças surdas.

A Literatura Surda abrange narrativas contadas através da língua de sinais, refletindo a identidade e a cultura surda em suas histórias sinalizadas. A disponibilidade de histórias sinalizadas não apenas proporciona às crianças surdas uma experiência de leitura mais inclusiva e significativa, mas também contribui para a afirmação e valorização de sua identidade cultural e linguística desde a mais tenra idade, para Karnopp (2006) a Literatura

Surda se apresenta como um desejo de reconhecimento, em que busca um outro lugar e uma outra coisa.

Nesse contexto, a problemática a ser abordada ao decorrer da pesquisa: Em que medida, a falta de representatividade e acesso à literatura surda impacta na construção identitária das crianças surdas e quais estratégias educacionais podem ser adotadas para promover uma inclusão efetiva por meio da valorização da literatura surda no ambiente escolar?. Desse modo, essa questão central direciona o foco da investigação para a análise dos impactos identitários e culturais da ausência de materiais literários que reflitam a realidade e a experiência das crianças surdas, assim como busca identificar práticas educacionais que possam reduzir essa lacuna, promovendo uma representação mais autêntica e inclusiva no ambiente educacional.

A partir dessa percepção, o propósito deste trabalho é investigar a importância da Literatura Surda como ferramenta essencial para promover a representação identitária e significativa da criança surda. Outrossim, teve-se como objetivos específicos: investigar a trajetória histórica da surdez, com ênfase no desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e sua influência na Literatura Surda como meio de expressão cultural e identidade da comunidade surda; examinar quais as contribuições da Literatura Surda no desenvolvimento identitário e simbólico da criança surda; e por fim, analisar a representação da surdez e da Libras na obra *Daniel no Mundo do Silêncio*, de Walcyr Carrasco (2021).

A escolha da temática em questão se fundamenta em uma convergência de razões de natureza teórica, social, pedagógica e pessoal. Em primeiro lugar, a cultura surda é transmitida às crianças surdas pelo contato com adultos surdos, através de produtos gerados por determinados grupos de surdos em relação ao teatro, poesia visual, brinquedos e a Literatura Surda, esta transmissão da cultura surda tem um grande papel na construção da identidade, tornando possível a expressão das subjetividades e promovendo um senso de pertencimento e conexão com sua comunidade. No entanto, no contexto contemporâneo, a falta de representatividade e acesso à literatura surda nas escolas contribui para a marginalização e limitação das oportunidades de desenvolvimento cultural e linguístico das crianças surdas, dificultando sua integração e participação plena no ambiente escolar e na sociedade em geral.

Ademais, tive como motivação pessoal para a escolha da temática, as minhas próprias experiências pessoais ao interagir com indivíduos surdos e entender as suas próprias narrativas e experiências. Esse contexto de interação direta proporcionou uma compreensão mais profunda das realidades enfrentadas por essa comunidade, estimulando meu interesse

em aprofundar os estudos nessa área. Além disso, em dezembro de 2023, durante minha formação acadêmica na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tive como disciplina obrigatória a cadeira de Libras, ministrada pela Prof.^a Viviane Cabral, momento em que pude adentrar no universo singular da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Posteriormente, em fevereiro de 2024, ingressei em um curso de Libras no Centro Escolar Municipal de Línguas Estrangeiras (Celest), com o propósito de me especializar nessa área e aprofundar meu entendimento sobre a realidade surda. Durante esse curso, ao entrar em contato direto com pessoas surdas, fui motivado a aprofundar meus estudos e pesquisas sobre a criança surda, especialmente no contexto da literatura, uma temática pela qual nutro admiração e apreço desde os primeiros passos em minha formação acadêmica em Pedagogia. Essas experiências e o envolvimento com a comunidade surda proporcionaram uma base sólida para a delimitação e aprofundamento do presente estudo, visando contribuir de forma significativa para o entendimento e valorização da importância da literatura surda na representação e inclusão da criança surda na sociedade contemporânea.

O trabalho é constituído a partir de uma pesquisa bibliográfica, organizada em três capítulos. O primeiro capítulo explora a trajetória histórica da comunidade surda, abordando o surgimento das produções literárias dentro dessa cultura. O segundo capítulo examina as contribuições da Literatura Surda para a representação da identidade e da cultura surda, além de discutir o papel fundamental do(a) pedagogo(a) na construção dessas identidades. Por fim, o terceiro capítulo apresenta uma análise do livro *Daniel no Mundo do Silêncio*, de Walcyr Carrasco, oferecendo uma visão crítica sobre como a obra se insere no contexto da Literatura Surda.

CAPÍTULO 1: COMUNIDADE SURDA

Este capítulo propõe a compreensão dos aspectos históricos da comunidade surda, desde os primeiros registros até os avanços mais recentes, discutindo as abordagens educacionais, como o oralismo e a valorização da Língua de Sinais, na vida e na identidade da comunidade surda. Posteriormente, aborda o início das produções da literatura surda, analisando como a comunidade surda começou a se expressar literariamente e a construir sua própria narrativa.

1.1 BREVE TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA COMUNIDADE SURDA

A comunidade surda teve, durante muitos séculos, a sua história, educação e direitos silenciados, sendo frequentemente julgados como incapazes devido a incapacidade de expressar oralmente os seus conhecimentos e pensamentos. Como resultados, os surdos foram excluídos do convívio social, proibidos de frequentar o ambiente escolar e tendo os seus direitos à educação e à cidadania negados.

Strobel (2009) relata que os primeiros registros sobre a comunidade surda encontram-se na Bíblia. No livro de Marcos 7: 31-37, é mencionado que pessoas com grande dificuldade de falar eram levadas a Jesus para que ele colocasse as mãos sobre elas e libertasse suas línguas. Na passagem bíblica, Jesus, tomou o homem à parte, tocou suas orelhas e língua, e com um suspiro profundo, disse "Efatá", que significa "abre-te", imediatamente, os ouvidos do homem se abriram, sua língua se soltou e começou a falar claramente.

Na Era Cristã, prevalecia a crença de que a deficiência era uma manifestação divina enviada para alertar o povo sobre os seus pecados. Diante disso, a sociedade passou a "aceitar" os surdos, enxergando-os como uma oportunidade de salvar suas almas, ajudar e/ou cuidar do sujeito surdo tornava-se uma forma de expiação, de ganhar favor aos olhos de Deus, sem um compromisso real com a igualdade de oportunidades (Strobel, 2009).

Na Roma Antiga, os surdos eram vistos como enfeitiçados e/ou endemoniados devido à dificuldade de comunicação, sendo frequentemente castigados. A sociedade romana valorizava-se a oratória e a comunicação verbal, considerando-as essenciais para a participação plena na vida pública e social. Consequentemente, aqueles que não conseguiam se comunicar verbalmente eram marginalizados, capturados, tidos como escravos ou eram jogados no rio Tiger (Strobel, 2009).

No Egito e na Pérsia, os surdos eram considerados pessoas enviadas pelos deuses e, como tal, eram tratados com respeito e humanidade. Essa visão espiritual e reverente da surdez atribuía aos indivíduos surdos uma espécie de aura sagrada, todavia não eram educados de maneira formal. A reverência por sua condição muitas vezes resultava em uma vida inativa, sem oportunidades para desenvolver plenamente suas habilidades intelectuais e sociais.

Na Idade Média, Cerqueira e Teixeira (2022) expõem que a comunidade surda sofriam discriminação e alvo de estereótipos. Nesse período, a surdez era atribuída a causas sobrenaturais ou espirituais, como maldições, bruxarias e possessão demoníaca. A sociedade medieval, sendo religiosa e supersticiosa, via a deficiência auditiva como uma punição divina ou como um sinal de que a pessoa estava possuída por forças demoníacas, provocando o medo e a desconfiança em relação aos surdos.

Na Idade Moderna, por volta de 1500, na medicina, o médico e filósofo Girolamo Cardano reconheceu que as pessoas surdas eram capazes de aprender por meio da escrita e da língua de sinais, sendo um dos primeiros defensores da comunidade surda. Assim, Cardano compreendeu, através de uma de suas pesquisas, que a escrita representava os sons, o que criava uma dificuldade para as pessoas surdas, uma vez que não conseguiam ouvir os sons para depois reproduzi-los, sendo necessário a língua de sinais para comunicação entre sujeitos surdos.

No Brasil, a partir de 1500, a colonização trouxe influências culturais e educacionais da Europa, onde algumas iniciativas já estavam em andamento para a educação de pessoas surdas. Dessa maneira, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584), da Espanha, creditado como o primeiro educador de surdos no mundo ocidental, criou uma escola para surdos em um monastério beneditino, onde desenvolveu métodos inovadores para ensinar alunos surdos a ler, escrever e se comunicar, incluindo o uso de gestos, o alfabeto manual e outras formas visuais de comunicação (Cerqueira; Teixeira, 2022).

Ademais, o padre espanhol Juan Pablo Bonet (1579-1629) foi um outro estudioso da educação de surdos. Em 1620, o pesquisador adotou o alfabeto manual desenvolvido pelo já falecido Pedro Ponce de León e se apresentou como o autor do método de instruir surdos a falar, ler e contar. Dessa forma, o alfabeto manual servia como um recurso material para ensinar os surdos a ler, enquanto as atividades gramaticais eram ensinadas através da comunicação por sinais.

Outrossim, o abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789), considerado o fundador da educação para surdos e inventor do sistema de língua de sinais, revolucionou o campo da

surdez no século XVIII. Assim, o clérigo francês ao observar a dificuldade que os surdos enfrentavam para se comunicar e integrar-se na sociedade, desenvolveu um sistema de língua de sinais a partir de gestos naturais e convencionais, ocasionando em uma forma estruturada de comunicação. Em 1760, fundou-se a primeira escola pública para surdos em Paris, conhecida como "Institution Nationale des Sourds-Muets", onde eram utilizadas a datilologia (alfabeto manual) e sinais (Carraro; Del Mouro, s.d.).

Durante o Brasil Imperial, em 1855, o Imperador D. Pedro II trouxe de Paris o professor francês surdo Eduard Ernest Huet (1820-1882) no intuito de fundar uma escola para surdos no país, a primeira escola voltada para a comunidade surda no Brasil. Dois anos depois, em 26 de setembro de 1857, foi criado o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, marco inicial da educação formal para surdos no Brasil. Em 1957, teve seu nome alterado para Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), nome que a instituição carrega até hoje.

O Imperial Instituto de Surdos-Mudos propiciava em sua educação o ensino da língua portuguesa, aritmética, leitura labial, linguagem articulada, geografia, história do Brasil, doutrina cristã, como também o uso de sinais metódicos e da Língua de Sinais Francesa. Por mais de um século, o Instituto operou sob o regime de internato, exclusivo para o sexo masculino, tendo a sua estruturação focado nas necessidades específicas dos surdos.

Em 1880, ocorreu o I Congresso Mundial dos Surdos, na qual tinha como principal objetivo discutir questões sobre a educação de surdos, em específico o método de ensino que deveria ser implementado ao redor do mundo. Assim, por meio de uma votação, foi decidido o oralismo como metodologia de ensino que deveria ser utilizada na educação de surdos, abolindo os sinais como forma de instrução, o que gerou um impacto significativo na educação de surdos em todo o mundo, negando as suas identidades da cultura surda, a Língua de Sinais.

Sete dias de discussões, apresentações e votações, entre 6 e 11 de setembro de 1880, em Milão, Itália, coroaram os pressupostos oralistas. As resoluções foram quase unânimes, contando com poucas, e isoladas, oposições: às escolas de surdos cabia o ensino da fala como meio de inserção do surdo em um mundo ouvinte. Os gestos? Que fossem banidos. As práticas bimodais que utilizavam sinais em simultaneidade com a fala também foram rejeitadas. O oralismo puro, como acordado por grande parte dos mais de 170 membros do Congresso (em sua quase totalidade ouvintes), foi apontado como a melhor abordagem para a educação de surdo (Nakagawa, 2012, p.19).

Diante disso, as dificuldades enfrentadas pelos surdos com o Método Oral Puro, juntamente com as segregações e imposições, resultaram em um retrocesso significativo para a educação da comunidade surda.

O Congresso de Milão é considerado para a comunidade Surda como o século do ‘holocausto’, pois proibia os professores Surdos de dar instrução nas escolas de Surdos, o uso da língua de sinais dentro das escolas de Surdos e determinava o fechamento dos institutos em regime de internato. Houve um declínio dos professores Surdos até a quase extinção dos mesmos, restando poucos professores Surdos no mundo. (Calixto; Castro, 2015, grifos do autor).

Durante a segunda metade do séc. XX, surgiu uma nova abordagem para a comunicação dos surdos, a Comunicação Total (CT), que evidenciou a decadência do oralismo. Essa filosofia de ensino incluía a combinação de métodos orais, gestuais, sinais, escrita e leitura labial, com o objetivo de fornecer uma abordagem mais flexível, sendo a sua proposta de adaptar a forma de comunicação às necessidades individuais de cada pessoa surda. Entretanto, por não priorizar a língua de sinais, perpetuava a marginalização linguística e cultural da comunidade surda.

Outrossim, em 1960, o linguista americano William Stokoe iniciou pesquisas pioneiras sobre as línguas de sinais das pessoas surdas, publicando um estudo que reconheceu a Língua de Sinais Americana (ASL) como uma língua legítima, com sua própria gramática e sintaxe. Desse modo, a Língua de Sinais começou a ganhar notoriedade histórica, como também um novo status tanto na comunidade acadêmica e na sociedade, proporcionando à comunidade surda uma nova perspectiva no campo educacional e social.

No Brasil, no séc. XX, por volta dos anos 80, a comunidade surda brasileira começaram a lutar pelo reconhecimento e valorização da Língua Brasileira de Sinais, a Libras, com a crescente conscientização sobre os direitos das pessoas com deficiência e a importância da inclusão. Em 2002, com a promulgação da Lei nº 10.436, se reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil e posteriormente, em 2005, Decreto nº 5.626 regulamentou essa lei, estabelecendo diretrizes para a educação bilíngue (Libras e português) e a formação de profissionais qualificados para trabalhar com a comunidade surda.

Dessa maneira, para Strobel (2008, p.32), “a cultura surda pode ser entendida como um conjunto de valores, crenças, comportamentos e tradições compartilhados entre pessoas que utilizam a língua de sinais como principal meio de comunicação e expressão cultural”. Assim, essa cultura tem como base a identidade surda e a língua de sinais envolvendo uma

forma de ser e de ver o mundo própria e única, expressa em artes visuais, tradições, narrativas e pela Literatura Surda, a qual fortalece o senso de pertencimento.

Atualmente, a língua de sinais desempenha um papel fundamental na cultura e na identidade da comunidade surda ao redor do mundo, na qual engloba diversas línguas de sinais, cada uma refletindo as especificidades culturais e regionais que conferem a essas línguas variações e características únicas. Logo, essas línguas garantem que as pessoas surdas e todas as pessoas que utilizam a língua possam se comunicar de maneira eficaz e ter acesso aos mesmos direitos que qualquer outra pessoa.

1.2 O INÍCIO DAS PRODUÇÕES DA LITERATURA SURDA

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é considerada a língua materna das pessoas surdas, reconhecida pelo Decreto 5.626 de 2005 (BRASIL, 2005), que regulamenta a Lei 10.436 de 2002 (BRASIL, 2002). Desse modo, por meio da língua de sinais, a comunidade surda constrói e produz suas próprias expressões artísticas, como a arte literária, denominada Literatura Surda, a qual tem a sua fundamentação a partir das manifestações dos surdos na sua própria língua.

Nakagawa (2012) afirma que a língua de sinal é:

Um bem simbólico que marca um processo de descolonização face aos esforços de oralização e imposição da fala, ao mesmo tempo em que é um elemento de pertença identitária que resgata a auto-determinação dos grupos Surdos em relação ao jugo ouvintista, as línguas gestuais, nas mãos das comunidades surdas, fizeram-se (e fazem-se) bandeira política das mais valiosas no que diz respeito à diferença. Entre movimentos de mãos e expressões faciais, partilhados em ambiente linguístico comum, redefinem-se aos poucos os territórios simbólicos ocupados pela surdez. (Nakagawa, 2012, p. 37).

Ao longo dos tempos, a comunidade surda tem preservado uma rica tradição de narrativas transmitidas por meio da língua de sinais. No entanto, apenas uma parcela limitada dessas histórias foi formalmente registrada e disponibilizada para leitura, especialmente em contextos educacionais direcionados a surdos e na esfera mais ampla da comunidade. Este cenário ressalta a importância da Literatura Surda como uma ferramenta fundamental para disseminar tais narrativas e integrar a cultura surda de maneira mais abrangente na sociedade, promovendo a inclusão e o reconhecimento da diversidade linguística e cultural que permeia a comunidade surda. Acerca da definição de Literatura Surda, Karnopp (2010, p.161) diz que:

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como

falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente.

Karin Strobel também explicita que:

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas. (Strobel, 2008, p. 56)

Nesse contexto, a Língua de Sinais desempenha um papel crucial como o meio de comunicação primário para o surdo, permitindo a criação de diversas formas literárias, como histórias, poemas, piadas, contos, fábulas, romances, lendas e outras manifestações culturais que são transmitidas de geração em geração. A Literatura Surda, portanto, está intrinsecamente ligada à cultura surda, pois através dela são frequentemente narradas as vivências dos próprios surdos, suas lutas e seus desafios frente a uma sociedade majoritariamente ouvinte. Nas piadas, é frequente a representação de personagens surdos e ouvintes, retratando conflitos cotidianos; as fábulas e histórias são ajustadas ou criadas com ênfase em personagens surdos; e nos poemas, há o uso intenso de classificadores, elementos linguísticos típicos da Língua de Sinais.

Nesse sentido, a partir da segunda metade do séc. XX, a Literatura Surda tem o seu início de maneira mais estruturada devido ao reconhecimento crescente da importância da Língua de Sinais e da cultura surda. Em 1960 e 1970, com o fortalecimento do movimento pelos direitos civis das pessoas com deficiência, incluindo os surdos, surgiu uma nova geração de escritores surdos que buscava não apenas a inclusão, mas também o reconhecimento de suas contribuições culturais.

As primeiras obras da Literatura Surda estão relacionadas com temáticas envolvendo a identidade surda, experiências pessoais e questões sociais, compostas principalmente por autobiografias, contos e poesias que exploravam a vida cotidiana, desafios e triunfos da comunidade surda. Um dos pioneiros escritores para a promoção desta arte foi o ator e escritor Bernard Bragg (1928-2018), juntamente com o autor Clayton Valli (1951-2003) que contribuiu significativamente para a literatura surda com suas poesias e estudos sobre a Língua de Sinais Americana (ASL).

Os primórdios da poesia em língua de sinais, em particular a desenvolvida nos EUA nos anos de 1960 e de 1970, utilizavam configurações de mãos repetitivas nos sinais para criar um sentido de “rima”. Esse método foi usado, de forma pioneira, por Dorothy Miles e por Clayton Valli (1993) na língua de sinais americana (ASL), possivelmente por ambos terem sido fortemente influenciados pela poesia na forma escrita que estudaram.

Naquele tempo, muitos acreditavam que a rima (ou outras partes repetidas de palavras, que criam aliteração ou assonância) era fundamental para a poesia (Sutton-Spence, 2021, p. 58).

Karnopp (2010) esclarece que o corpus literário, de maneira geral, retrata a experiência vivida pelos surdos, de forma direta ou indireta, abordando as relações conflituosas ou benevolentes entre surdos e ouvintes, envolvendo temas de aceitação ou opressão em relação ao surdo. Essa interseção entre a Literatura Surda e a cultura surda não apenas enriquece a expressão artística e literária dentro da comunidade, mas também contribui significativamente para a compreensão e valorização das experiências e identidades surdas na sociedade em geral.

Rosa (2011) também esclarece o quanto a Literatura Surda é essencial na identidade e na cultura do surdo, pois, possibilita que pessoas surdas que ainda não tenham adquirido plenamente sua língua natural, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), tenham acesso a ela por meio das obras literárias. O autor aponta que a literatura surda:

(...) consiste nas histórias que a Libras possui, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Mas por que precisamos de uma Literatura Surda? Frequentemente encontramos muitos surdos que não conhecem sua própria língua. Ao conhecer a Libras, estranham saber que existe uma cultura surda. Dessa forma, a literatura surda pode auxiliar no conhecimento desta língua e da cultura para os surdos que ainda não têm acesso a elas. Para as crianças surdas, a literatura surda é um meio de referência e uma forma para criar uma aproximação com a própria cultura e facilitar o aprendizado da sua língua natural, que auxiliará na construção de sua identidade (Rosa, 2011, p. 32).

À vista disso, no Brasil, a Literatura Surda Brasileira começa a ganhar assentimento para ser produzida somente a partir de 1987, com a inclusão da Língua de Sinais no currículo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), fundado por Dom Pedro II em 1857. Nessa época, existia uma invisibilidade da literatura surda, pois ainda havia a concepção de que as pessoas surdas eram frequentemente consideradas incapazes de serem alfabetizadas. Logo, as primeiras autobiografias da freira surda Teresa de Cartagena (Séc. XV) e da autora surda e cega Helen Keller (1880-1968) marcaram o início do desenvolvimento literário da comunidade surda. Ao escreverem em língua oral, essas mulheres desbravaram o universo literário, compartilhando suas experiências de vida e demonstrando aos leitores, predominantemente ouvintes, a capacidade e a visão de mundo das pessoas surdas.

Entre 1987 até 1998, começaram a surgir as criações, em Língua de Sinais, produções sobre: história delimitada (de A a Z, números de 0 a 10, acrósticos), narrativas de humor (piadas) e poemas. Entre as obras mais notáveis desse período, que foram posteriormente

registradas com o avanço da tecnologia, destacam-se *O Lenhador e a Árvore* de Jean de La Fontaine (1621-1695) e *Pássaro Surdo* (autor desconhecido). Nos anos de 1999 a 2013, com a popularização da câmera de vídeo no país, as produções surdas começaram a ser registradas e teve como primeira publicação a coletânea de Literatura em LSB (VHS), do autor surdo Nelson Pimenta.

Hoje, a Literatura Surda, com a utilização de mídias digitais e redes sociais também ampliou o seu alcance, permitindo a divulgação e o acesso a obras literárias surdas para um público mais amplo, sendo uma expressão artística importante para a comunidade surda, promovendo a inclusão e a valorização da identidade surda. Nesse momento, vemos a ênfase na produção de obras dos gêneros: cordel em Libras, *slam*, contos, *mangás*, romances e produções digitais. Como exemplos de obras temos: *Kika e a estrela encantada* de Klícia de Araújo Campos, *Tons de melancolia* de Lucas Gomes de Albuquerque e Kelly Priscilla Lóddo Cezar, *A Voz do Silêncio* de Yoshitoki Oima e *O Grito da Gaivota* de Emmanuelle Laborit.

Figura 1: Capa do livro *Kika e a estrela encantada* de Klícia de Araújo Campos



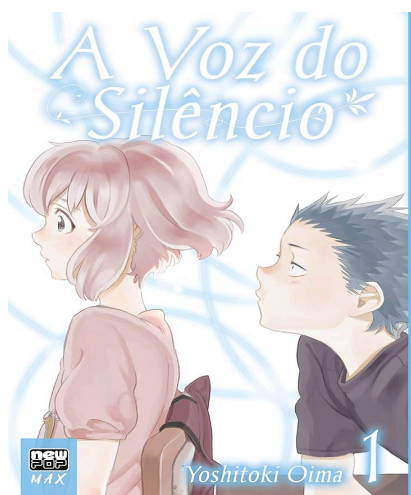
Fonte: Campos (2022)

Figura 2: Capa do livro *Tons de melancolia* de Lucas Gomes de Albuquerque e Kelly Priscilla Lóddo Cezar



Fonte: Albuquerque e Cezar (2020)

Figura 3: Capa do livro *A Voz do Silêncio* de Yoshitoki Oima



Fonte: Oima (2017)

Figura 4: Capa do livro *O Grito da Gaivota* de Emmanuelle Laborit



Fonte: Laborit (1937)

À vista disso, após compreendermos o percurso histórico vivenciado pela comunidade surda e o surgimento das primeiras produções da Literatura Surda, deve-se explorar como essa literatura tem desempenhado um papel na construção de identidades e cultura surda. Nesse contexto, no capítulo seguinte, serão examinadas as contribuições da Literatura Surda para a representação identitária das crianças surdas, tendo-se o papel do pedagogo(a) como fundamental, não apenas como mediador do conhecimento, mas também como facilitador no processo de formação cultural e identitária, utilizando a literatura como ferramenta pedagógica inclusiva de pertencimento.

CAPÍTULO 2: LITERATURA SURDA NA INFÂNCIA

O segundo capítulo aborda a influência da Literatura Surda na construção e no fortalecimento da identidade da criança surda, com destaque para suas contribuições no campo da representação identitária. Ao trazer narrativas que refletem a cultura e as experiências da comunidade surda, a literatura torna-se um meio de valorização da Língua de Sinais e das expressões culturais, promovendo um espaço de pertencimento.

Outrossim, será discutido o papel do(a) pedagogo(a) na mediação desse processo, evidenciando como sua atuação é determinante para apoiar a criança surda na construção do seu autoconhecimento, respeitando suas especificidades linguísticas e culturais e incentivando uma educação inclusiva.

2.1 LITERATURA SURDA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA

A produção de obras literárias infantis no campo da Literatura Surda é dividida em três tipos de produção cultural, sendo eles: tradução, adaptação e criação. Essas categorias têm o objetivo de categorizar o grau de aproximação dos textos com a cultura surda. A primeira produção, a tradução busca traduzir um livro publicado em outras línguas para a Língua de Sinais, com o intuito de as crianças surdas conhecerem a cultura dos ouvintes, em uma relação intercultural, como afirma Mourão (2012, p. 3): “Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda”.

Já a adaptação é definida como uma reinterpretação do enredo original, podendo envolver alterações em personagens, objetos, descrições, linguagem ou contexto cultural. Esse processo favorece a comunidade surda ao fortalecer sua identidade, uma vez que permite que eles se identifiquem mais profundamente com a história ou com os personagens, visto que o discurso adaptado traz representações mais significativas e pertinentes para os surdos, contribuindo para uma maior inclusão e valorização das narrativas que refletem a realidade e as vivências dos surdos. Há, como exemplos, *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda*, de Hessel, Rosa e Karnopp; *Patinho Surdo* e *Adão e Eva*, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp.

Por último, a criação é uma produção cultural de um texto originário da língua de sinais, não tendo uma ligação com a cultura de pessoas ouvintes. Como exemplos dessas obras literárias, temos: *Tibi e Joca – Uma História de Dois Mundos*, de Cláudia Bisol, da

Editora Mercado Aberto; *As Estrelas de Natal*, de Karin Strobel e Alessandra F. Klein, da Editora Arara Azul; *O Feijãozinho Surdo*, de Liège Gemelli Kuchenbecker, da Editora da ULBRA; e *Um Mistério a Resolver: O Mundo das Bocas Mexedeiras*, de Maria A. Amin de Oliveira, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho, da Editora LSB Vídeo.

A Literatura Infantil faz parte de nossas vidas desde cedo, seja por meio de cantigas, jogos ou histórias contadas, muitas vezes criadas por nossos pais, ou seja, temos contato com a literatura antes mesmo de aprendermos a ler ou escrever. Entretanto, quando as crianças chegam à escola é que a literatura pode construir uma ligação lúdica entre o mundo da imaginação e o mundo da escrita de forma mais sistemática, relacionando-se com o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Candido (2011, p. 176), a literatura pode ser definida como sendo:

(...) todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2011, p. 176).

Historicamente, a Literatura Infantil originou-se na Europa e de acordo com o Cademartori (1986) já era possível encontrar obras literárias destinadas ao público infantil anteriormente ao séc. XVIII, tendo sua criação como campo literário relacionada com a emergência da sociedade burguesa, quando a prática da leitura literária se tornou central não apenas para crianças, mas para toda a sociedade. Logo, esses primeiros livros tinham como intuito disseminar intenções morais e pedagógicas explícitas, pois eram produzidos com o objetivo de constituir cidadãos devidamente alfabetizados e alinhados com as necessidades e as visões de mundo daquela sociedade (Cademartori, 1986).

Dessa maneira, é importante enfatizar a valorização da literatura desde a tenra infância, pois é nesse período que a maioria das crianças tem seu primeiro contato com a leitura. Durante essa fase, o estímulo à leitura desempenha um papel fundamental ao permitir que a criança reconheça a importância do ato de ler, podendo ser estimulada no ambiente educacional e/ou familiar. A abordagem da literatura infantil deve ser contextualizada de modo que a criança se sinta integrada, levando em consideração suas concepções iniciais formadas nas interações sociais, promovendo uma conexão mais profunda com a leitura e enriquecendo sua experiência literária.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) já descreviam a leitura como “[...] um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o

autor, de tudo o que sabe sobre a língua” (BRASIL, 1997, p. 53). Desse modo, todo membro da sociedade tem o direito a ter acesso à escrita e utilizar as várias formas de leitura e interpretação. Segundo os PCNs, é necessário ter gosto pela leitura e torná-la parte do seu convívio (Brasil, 1998), sendo a escola um local de incentivo à leitura.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a leitura deve ser vista não apenas como um processo de decodificação de palavras, mas como uma prática para a construção do sentido, o desenvolvimento do pensamento crítico e a formação cidadã. Assim, o documento também expõe que a leitura está relacionada à formação ética e social dos alunos, pois, ao lerem diferentes perspectivas e realidades, eles desenvolvem empatia, compreensão do outro e uma visão mais ampla do mundo.

Conforme Candido (2011), a leitura é um direito inalienável de todo ser humano, equiparável ao direito à educação. Nesse sentido, uma leitura de qualidade, considerada um direito universal, inclusive da comunidade surda, revela-se fundamental desde a infância, como um elemento essencial para a garantia de tratamento igualitário, traduzindo teoria em prática. Contudo, para a criança surda, a experiência com a literatura infantil apresenta uma dicotomia marcante. Enquanto as crianças ouvintes vivenciam histórias por meio da audição, seja escutando narrativas ou sendo expostas a elas de forma auditiva, as crianças surdas ainda não encontram uma representação adequada em obras literárias que retratem o dia a dia e as vivências culturais das pessoas surdas.

De acordo com Abramovich (1997), por meio da contação de histórias as crianças têm a oportunidade de explorar o universo lúdico. Através das narrativas, elas embarcam em jornadas imaginativas que lhes permitem conhecer e aprender sobre outros lugares, épocas, costumes e jeitos de agir, outros pontos de vista e outras percepções. Para a autora, ao ouvir histórias:

[...] se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (Abravomich, 1997, p.17).

Para Schlemper (2016), a contação de histórias pode transmitir os costumes e as tradições de diferentes culturas e épocas, além de refletir as relações de hierarquia e poder presentes na vida em sociedade. As histórias funcionam como um espelho da vida em sociedade, refletindo as estruturas sociais e os comportamentos que moldam as interações humanas. Para a autora,

Neste bambolear de histórias provenientes de diferentes tempos, lugares e culturas, a criança, fazendo uso dos óculos da sociedade na qual está inserida, tem a possibilidade de avaliar a pertinência ou não de tais práticas. Em um mundo globalizado, multicultural e pluricultural, faz-se necessário reconhecer e respeitar as diferenças e o acesso ao conto viabiliza para as crianças o reconhecimento cultural do outro (Schlemper, 2016, p.33).

Diante disso, a Literatura Surda é usada dentro da comunidade surda para se referir a narrativas que incorporam a língua de sinais, bem como as questões de identidade e cultura surda, ou seja, é necessário que haja registros na literatura produzidos na língua da comunidade surda. Essa manifestação, assim como em qualquer outro ramo literário, se expressa através de diferentes gêneros literários, entretanto, a comunidade surda tem se empenhado em criar, divulgar e disponibilizar obras em língua de sinais, com o objetivo de mostrar para os surdos as suas particularidades culturais, experiências, aspirações, desejos, sonhos e sentimentos (FELÍCIO, 2014, p. 31).

Outrossim, a identidade surda representa uma conexão intrínseca com a comunidade surda, através da língua de sinais, da cultura surda e das contínuas lutas por reconhecimento e direitos. A língua de sinais, como principal veículo de comunicação, é um elemento central dessa identidade, servindo como meio de expressão e afirmação cultural. As narrativas, os poemas, as piadas e os mitos que emergem dessa comunidade são manifestações vivas da identidade e cultura surda, sendo moldados pelo ambiente em que estão inseridos. “Os contos em língua de sinais tecidos por pessoas surdas são de suma importância para o desenvolvimento cultural dessa comunidade, sendo forma de expressão e manifestação de identidade” (FELÍCIO, 2014, p. 23). De acordo com Karnopp e Machado,

As histórias e as representações da cultura surda, caracterizada pela experiência visual, são corporificadas em livros para crianças de um modo singular, em que o enredo, a trama, a linguagem utilizada, os desenhos e a escrita dos sinais (SW) evidenciam o caminho da auto-representação dos surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, legitimando sua língua, suas formas de narrar às histórias, suas formas de existência, suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem (Karnopp; Machado, 2006, p.14).

O contato com a Literatura Surda na infância, escrita e narrada por surdos, oferece à criança um modelo identificatório que ressoa em sua própria vivência. Ao ver suas experiências, sua língua e sua cultura representadas nas histórias, a criança encontra um espelho que lhe permite reconhecer-se e sentir-se valorizada. O contato com a cultura surda por meio da literatura permite que a criança se perceba como um sujeito multifacetado, capaz

de navegar múltiplas identidades e perspectivas, proporcionando-lhe as ferramentas necessárias para interagir com o mundo ao seu redor.

2.2 O PAPEL DO(A) PEDAGOGO(A) NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NA CRIANÇA SURDA

O ambiente escolar desempenha um papel central no desenvolvimento do hábito pela leitura na criança, sendo um dos principais espaços para o seu incentivo à apreciação e à valorização da literatura. Por meio de ações pedagógicas adequadas, é estimulado o interesse pela leitura desde a infância, esse processo, no entanto, vai além de simplesmente apresentar livros às crianças, é necessário que a escola ofereça estratégias que despertem a curiosidade, a imaginação e o prazer pela leitura, tornando-a uma atividade significativa e prazerosa.

A partir das narrativas, com o contato com as histórias e personagens, as crianças podem explorar novos mundos, vivenciar diferentes experiências, construir seu senso crítico e sua capacidade de interpretar a realidade. É importante que a literatura seja acessível tanto para crianças ouvintes quanto para crianças surdas, respeitando suas necessidades específicas e proporcionando-lhes os mesmos benefícios que a leitura pode oferecer.

Nesse contexto, através de narrativas visuais e gestuais, contadas na Língua Brasileira de Sinais, as crianças surdas podem mergulhar no universo fantástico, da mesma forma que as crianças ouvintes o fazem com textos escritos. De acordo com Rosa e Klein (2009 p. 9), “os surdos percebem e captam as informações através dos olhos, do visual”, assim, entende-se que a narração de histórias para uma criança surda só faz sentido e se torna cativante quando é adaptada para a língua de sinais.

Formar leitores é uma tarefa que exige mais do que a simples introdução de livros no ambiente escolar. É preciso cultivar o prazer pela leitura de forma contínua, criar momentos de imersão na literatura e, principalmente, garantir que as crianças se sintam protagonistas desse processo. Assim, isso requer um planejamento pedagógico que inclua estratégias inclusivas, como o uso da Libras para crianças surdas, para que elas também possam ter acesso pleno ao universo literário. Segundo Karnopp:

[...] destacamos a literatura infantil que está presente em diferentes contextos sociais, sendo a escola um espaço privilegiado da leitura desses materiais. Nos últimos anos, essa literatura tem sido foco de pesquisas na área da educação justamente por sua inserção e disseminação nas escolas, entre professores e alunos, tanto como material de instituição como de lazer. (Karnopp, 2006, p. 101)

Diante disso, o(a) pedagogo(a) tem o papel de mediar o contato da criança com a Literatura Surda, promovendo atividades que envolvam a narração de histórias em Libras, a interpretação de vídeos e a criação de performances literárias. Segundo Souza e Mourão (2012, p. 31), pensar em uma educação para surdos “requer pensar em possibilitar o acesso à construção do conhecimento por meio da língua de sinais”. Por meio da Literatura Surda, as histórias são produzidas e transmitidas na língua natural das pessoas surdas, utilizando elementos visuais que dialogam com a experiência de vida dessas crianças. Logo, deve-se reconhecer a diferença linguística entre surdos e ouvintes, e a partir da educação infantil o estudante surdo tem o direito de aprender em sua língua natural, de forma a se promover o sentimento de pertencimento à comunidade surda (Karnopp, 2008).

Para isso, é importante implementar uma educação específica para a comunidade surda, conhecida como educação bilíngue. O bilinguismo, nesse âmbito, valoriza o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a primeira língua dos estudantes surdos, garantindo que eles desenvolvam sua identidade cultural e comunicacional. A Língua Portuguesa é ensinada como segunda língua, prioritariamente na modalidade escrita, o que respeita as particularidades linguísticas da pessoa surda. A educação bilíngue é estabelecida através da Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (Brasil, 2021).

Uma abordagem que utilize duas línguas deve abranger identidades de representação e um sentido de pertencimento histórico e cultural. Para Skliar,

[...] a educação bilíngue deveria propor a questão da identidade dos surdos como eixo fundamental da construção de um modelo pedagógico significativo, criar as condições linguísticas e educativas apropriadas para o desenvolvimento bilíngue e bicultural dos surdos, gerar uma mudança de status e de valores no conhecimento e no uso das línguas implicadas na educação [...] (1998, p.55).

Logo, como dito anteriormente, por meio das narrativas surdas, as obras carregam consigo valores, tradições, vivências e uma história de resistência e luta por reconhecimento. Ao integrar a Literatura Surda no currículo escolar, o pedagogo contribui para que a criança surda sinta orgulho de sua língua e de sua comunidade, desenvolvendo, assim, uma

identidade forte e segura. Para Solé (1998, p. 22), “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto”, em vista disso, ao ler histórias sobre a sua comunidade, a criança surda se sente pertencente ao seu grupo social identitário.

Por meio da construção e criação de ambientes inclusivos, com a disponibilização de materiais adaptados, o profissional da educação garante que a contação de histórias voltada para a comunidade surda seja apresentada para todas as crianças, ouvintes e surdas, promovendo a interação entre essas diferentes identidades. Afinal, quando crianças ouvintes também têm a oportunidade de conhecer a história das pessoas surdas, elas passam a compreender e valorizar a cultura surda, o que contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Portanto, a Literatura Surda é uma ponte para a construção de uma identidade sólida e bem definida na criança, sendo o(a) pedagogo(a) o mediador para garantir que essa ponte seja atravessada pela criança surda, oferecendo um caminho para o autoconhecimento e o reconhecimento de seu papel como protagonista de sua própria vida.

Por fim, compreende-se a influência da Literatura Surda no processo de representação identitária da criança surda, ressaltando a responsabilidade do professor na formação dessas identidades. Nesse contexto, o próximo capítulo será dedicado à análise da obra *Daniel no Mundo do Silêncio*, de Walcyr Carrasco (2021), onde será explorado como a narrativa literária reflete as experiências de uma criança surda. Através dessa análise, será destacado como a literatura enriquece a compreensão da identidade e cultura surda, sendo um recurso benéfico para os educadores na promoção de um ambiente inclusivo.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DA OBRA *DANIEL NO MUNDO DO SILÊNCIO*, DE WALCYR CARRASCO

A prática de contar histórias tem se apresentado essencial para a transmissão de crenças e ensinamentos de uma geração a outra. A arte de narrar acompanhou o desenvolvimento humano a partir de diversas esferas, ao promover o crescimento social, cognitivo, emocional e afetivo. Diante disso, a comunidade surda possui suas próprias histórias, transmitidas oralmente por gerações ao longo dos séculos, até serem registradas na forma escrita em diferentes idiomas.

A Literatura Surda, como mencionado anteriormente, tem o objetivo de alcançar o público surdo, contribuindo para a construção de sua identidade e o fortalecimento de sua cultura. Nesse sentido, autores ouvintes podem criar obras destinadas ao público surdo, devendo tratar da experiência ou do conhecimento dos surdos. Segundo Karnopp (2010, p. 161), “a expressão ‘literatura surda’ é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa”.

Outrossim, a Literatura Surda pode ser apresentada a partir da língua da sociedade ouvinte, ou na língua de sinais; no Brasil, isso significa dizer que pode ser em português ou em Libras, sendo o seu foco os personagens surdos e não a língua produzida. A centralidade da experiência surda é o ponto principal dessas narrativas, que visam retratar as especificidades culturais, sociais e identitárias dos surdos.

Assim, o *corpus* escolhido para essa análise é a obra literária *Daniel no mundo do silêncio*, do escritor e roteirista Walcyr Carrasco com ilustrações de Ana Matsusaki, publicada pela editora Moderna em 2021. Trata-se de um livro infantojuvenil que, embora tenha sido escrito por um autor ouvinte, destaca-se por ter como protagonista uma criança surda, o que o insere no contexto da Literatura Surda.

Figura 5: Capa do livro *Daniel no mundo silêncio*, de Walcyr Carrasco



Fonte: Carrasco (2021)

A escolha do *corpus* para a análise baseou-se em algumas premissas. Primeiramente, levou-se em consideração a obra ser escrita majoritariamente em Português, mas incluir a ilustração de sinais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para palavras presentes no texto. Ademais, outro fator relevante foi o fato de a obra ter sido criada e divulgada no Brasil, o que reforça seu alinhamento com o contexto cultural e linguístico do país, como também ter sido apresentada e aprovada pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD¹) em 2023, o que agrega valor ao *corpus*.

Classificada como uma obra literária de infanto-juvenil, o material é composto por 56 páginas e tem como público-alvo crianças a partir de 9 (nove) anos de idade. O livro é indicado para as turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, podendo ser trabalhado nas disciplinas de Artes, Ciências e Português, de acordo com o *site* oficial da editora Moderna e o PNLD, abordando temáticas como: amizade, deficiência auditiva, escola e inclusão.

Posto isso, é importante que a literatura infanto-juvenil seja voltada para leitores em fase de transição entre a infância e a adolescência, abordando temas que refletem os desafios, questionamentos e descobertas próprias dessa faixa etária, buscando incentivar a reflexão crítica. Logo, tanto a literatura infantojuvenil quanto a literatura surda apresentam pontos de interseção, pois ambas buscam dar voz a experiências que muitas vezes não são representadas de forma ampla nos textos convencionais, permitindo que sejam trabalhadas de forma integradas.

A história *Daniel no mundo do silêncio* é uma produção literária com texto verbo-visual que narra a vida do personagem Daniel, que aos 7 (sete) anos de idade perdeu a audição gradativamente por causa de uma infecção no ouvido e, por isso, passou a descobrir o mundo através da Língua de Sinais. O livro é inspirado em um amigo pessoal do autor que, assim como o personagem principal, perdeu sua audição ainda na infância.

Ao observarmos a Figura 1, percebemos a transmissão de uma mensagem acolhedora, voltada para o público infantojuvenil em relação à deficiência auditiva. No centro da capa, tem-se a ilustração do personagem principal, Daniel, com os olhos fechados e uma expressão serena, em movimento, o que pode remeter à comunicação visual ou à expressão corporal, característica da cultura surda. Outrossim, o fundo amarelo evoca uma sensação de energia,

¹ O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é uma iniciativa do governo federal brasileiro, responsável pela distribuição gratuita de livros didáticos, obras literárias, dicionários e outros materiais pedagógicos às escolas públicas de educação básica. Coordenado pelo Ministério da Educação (MEC), tem como objetivo garantir o acesso a recursos para apoiar o processo de ensino e aprendizagem.

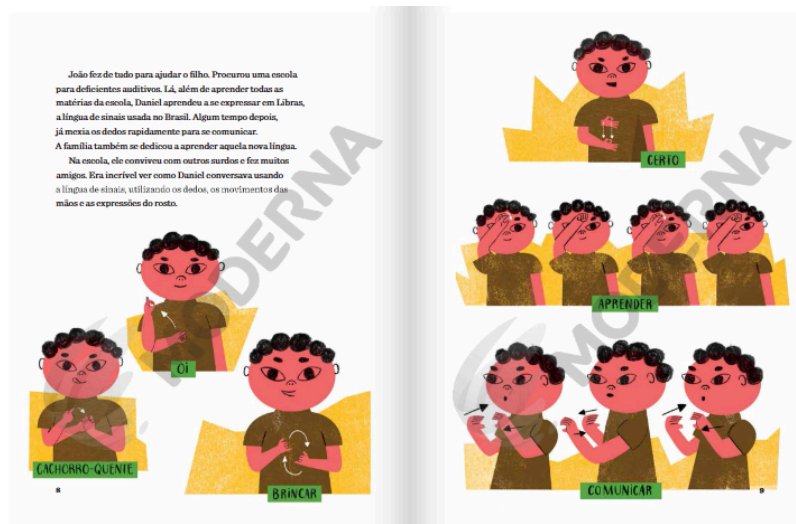
sugerindo que, apesar da temática trabalhada, a surdez, a história tem um tom otimista, focado no desenvolvimento e na descoberta.

Dessa maneira, a história tem como foco principal narrar a adaptação do personagem no seu novo mundo, o “mundo do silêncio”. Inicialmente, a família do Daniel, João e Manuela, pais do menino, e seu irmão caçula, Nicolau, se comunicavam apenas pela oralização e através de gestos, pois como o personagem já tinha escutado a Língua Portuguesa, ele conseguia compreender e se comunicar através da leitura labial. A obra inicialmente traz a expressão “gestos” para se referir a Libras, porém conforme avança a história é referida a “língua de sinais”.

Em determinado momento, os pais de Daniel tomam a decisão de matriculá-lo em uma escola voltada exclusivamente para estudantes com deficiência auditiva, e é nesse ambiente que Daniel tem seu primeiro contato com a Língua de Sinais, descobrindo um novo universo de comunicação e expressão. À medida que aprende sobre a Libras, o personagem se torna um agente transformador em sua própria família, ensinando a nova língua a seus pais e a seu irmão, permitindo que todos se conectem com a sua cultura e realidade.

O livro consegue transmitir de forma clara para o público infantojuvenil o funcionamento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como é expresso no seguinte trecho: “É incrível ver como o Daniel conversava usando a língua de sinais, utilizando os dedos, os movimentos das mãos e as expressões do rosto.” (Carrasco, 2021, p. 8). Como pode ser observado na Figura 6 a seguir, a obra utiliza ilustrações de sinais em Língua de Sinais, a partir da caracterização do personagem principal. Essa combinação do texto em Português com a representação visual dos sinais em Libras permite que as crianças surdas se sintam representadas e integradas, ao mesmo tempo em que as crianças ouvintes têm a oportunidade de conhecer e valorizar a Libras.

Figura 6: Ilustração de sinais em Libras



Fonte: Carrasco (2021)

Ao completar dez anos de idade, seus pais optaram por matriculá-lo na mesma escola de seu irmão mais novo, visando proporcionar-lhe a oportunidade de conviver com outras crianças ouvintes. Assim, pela manhã, ele frequentaria a escola regular e, no período oposto, uma escola especial, “[...] onde poderia praticar Libras com todos e exercitar o Português escrito.” (Carrasco, 2021, p. 12). Compreende-se que, o intuito principal era permitir que Daniel socializasse tanto com crianças ouvintes quanto com não ouvintes. Diante disso, a inclusão de crianças surdas no ensino regular desde a Educação Infantil é uma das orientações estabelecidas pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008).

Ademais, é suposto que o contraturno na escola especial referido na obra seja o Atendimento Educacional Especializado (AEE), o qual visa “identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (Brasil, 2008). O atendimento em Libras, específico para os estudantes com deficiência auditiva, deve contribuir para a aprendizagem da Língua de Sinais e para o desenvolvimento da Língua Portuguesa escrita. Sendo esse trabalho:

[...] realizado pelo professor e/ou instrutor de Libras (preferencialmente surdo), de acordo com o estágio de desenvolvimento da Língua de Sinais em que o aluno se encontra. O atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua de Sinais. O professor e/ou instrutor de Libras organiza o trabalho do Atendimento Educacional Especializado respeitando as especificidades dessa língua, principalmente o estudo dos termos científicos a serem introduzidos pelo conteúdo escolar (Brasil, 2007, p. 32)

Em seu primeiro dia na escola regular, Daniel é apresentado à turma, e a professora pede que Viviane, uma das alunas, troque de lugar com ele, explicando: "O Daniel não ouve. Precisa se sentar bem na frente para ler meus lábios e acompanhar a aula" (Carrasco, 2021, p. 14). Percebe-se o desconforto da colega ao ser retirada de seu lugar habitual, o que resulta em sua hostilidade para com Daniel, manifestada através de *bullying*. Diante desse cenário, é fundamental que o(a) pedagogo(a), ao acolher um(a) aluno(a) com deficiência, explique claramente para a turma as necessidades educacionais específicas desse estudante, promovendo uma compreensão de que o respeito e o apoio ao novo colega são essenciais. Como afirma Werneck (1997, p. 58): "Incluir não é favor, mas troca. Quem sai ganhando nesta troca somos todos nós em igual medida. Conviver com as diferenças humanas é direito do pequeno cidadão, deficiente ou não."

Além disso, outra questão problemática evidente na narrativa é o fato de Daniel depender da leitura labial para acompanhar as aulas, ao invés de contar com o apoio de um intérprete de Libras, conforme previsto pela legislação que garante o direito à educação inclusiva para estudantes surdos. Isso fica evidente no seguinte trecho:

Pior ainda era a dificuldade que tinha para acompanhar as aulas! Era muito difícil ler os lábios da professora. Percebia que os colegas sentados às suas costas faziam perguntas. Mas ele não ouvia. Quando a professora respondia, Daniel muitas vezes não entendia do que se tratava (Carrasco, 2021, p. 16)

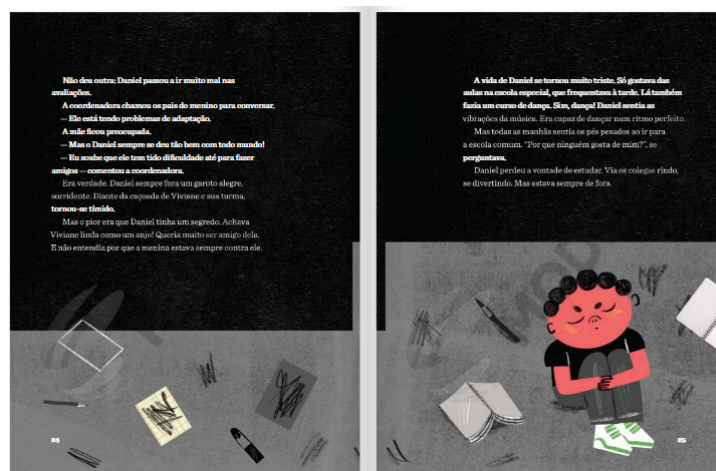
A ausência de um intérprete de Libras manifesta a criação de uma barreira significativa no seu aprendizado, a leitura labial, que, por ser uma habilidade que exige esforço e concentração, não garante que o estudante surdo compreenda totalmente o conteúdo transmitido, principalmente em situações de interação entre colegas e professor(a), quando a comunicação acontece de forma dinâmica e rápida. É importante ressaltar que, conforme a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, os estudantes surdos têm direito ao acompanhamento de um intérprete de Libras no ambiente escolar, garantindo a sua plena participação no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Lacerda (2009, p. 16):

O trabalho do intérprete/tradutor será o de dar nova forma ao sentido percebido garantindo os seguintes aspectos: toda a mensagem original deve ser contemplada inclusive em seus detalhes e neste trabalho as características da língua de chegada precisa ser respeitadas. O processo de tradução/interpretação não pode estar focalizado apenas no nível linguístico, mas precisa levar em conta aspectos culturais e situacionais, e é por isso que a ênfase deve estar na passagem de sentidos.

A falta de acessibilidade, evidenciada pela ausência de um intérprete de Libras, somada ao *bullying* constante por parte dos colegas, resultou no decaimento do rendimento

escolar de Daniel, refletido em suas avaliações. Diante dessa situação, a coordenação da escola convocou os pais para discutir os problemas de adaptação do menino, reconhecendo que ele não estava conseguindo fazer amigos e acompanhar as aulas. Contudo, embora a escola tenha plena consciência dos desafios enfrentados pelo aluno surdo, não toma medidas efetivas para promover sua inclusão no ambiente escolar. Esse cenário evidencia uma falha na abordagem pedagógica e no compromisso com a inclusão por parte da instituição escolar, , uma vez que a simples constatação dos problemas sem ações concretas reforça a exclusão social e acadêmica do estudante.

Figura 7: O *bullying* na escola



Fonte: Carrasco (2021)

Na Figura 7, observamos a predominância de tons fortes de preto e cinza, os quais dominam toda a página, criando uma atmosfera carregada de emoção. No canto inferior da página, se tem a ilustração de Daniel, posicionada de forma isolada, destacando sua vulnerabilidade, sendo que a cor preta, ocupa a maior parte do espaço, representando o *bullying* que ele enfrenta no ambiente escolar, assim como a manifestação visual da exclusão e do sofrimento psicológico do personagem. Outrossim, a postura indefesa do personagem reforça o sentimento de isolamento, a ausência de outros elementos ou personagens na cena amplifica a percepção de que o menino está emocionalmente isolado, sem o apoio ou a compreensão de seus colegas ou professores.

Em determinado momento, Daniel é convidado para a festa de aniversário de seu colega de turma, Igor, o que deixou o menino surdo encantado. No entanto, ele acreditava que nenhum de seus colegas realmente gostaria de ser seu amigo, o que o fez permanecer retraído ao longo da festa. Percebendo o isolamento do rapaz, a mãe do aniversariante sugere que Viviane o convide para dançar. Surpreendendo a todos, Daniel se solta e começa a dançar

com grande habilidade, demonstrando que, apesar de ser surdo, ele consegue sentir as vibrações da música, além de ter as habilidades desenvolvidas das aulas de dança que ele frequenta na escola especial.

Assim como a literatura, a música configura-se como uma expressão artística com o potencial de contribuir para a construção de identidades da pessoa surda, especialmente por meio das experiências corporais e emocionais. Através da dança, o indivíduo surdo pode se sentir social e artisticamente incluído, pois permite a vivência da música de forma sensorial, por meio das vibrações e do movimento corporal. Conforme Hagiara Cervellini (2003, p. 204), “Experiências musicais gratificantes na infância podem ser a pedra inaugural para o ser musical do surdo e constituir elemento inestimável para a sua formação, o desenvolvimento de sua sensibilidade e uma vida mais saudável e feliz”. Dessa forma, a arte transcende as barreiras da audição, proporcionando ao surdo uma forma plena de expressão e interação com o mundo.

Após a festa, os alunos comentaram sobre Daniel por meses, principalmente a respeito das suas habilidades artísticas, mas sua exclusão do círculo social permaneceu. No entanto, quando seu irmão mais novo, Nicolau, pegou uma gripe forte e ficou impossibilitado de frequentar as aulas, passou a ir sozinho para a escola. Certo dia, ao sair da escola para encontrar sua mãe no trabalho, Daniel, distraído, atravessa a rua sem perceber que o semáforo estava aberto, embora o motorista tentasse alertá-lo buzinando, o menino, por ser surdo, não ouviu o aviso. A sua colega de turma, Viviane, estava por perto e percebeu a situação, inicialmente, ela tentou gritar para alertá-lo, mas logo se deu conta de que isso não surtiria efeito, já que Daniel não poderia ouvir. Rapidamente, ela agiu e se lançou em direção a ele, conseguindo puxá-lo para fora da pista e evitando um acidente.

Figura 8: O acidente



Fonte: Carrasco (2021)

Assim, é perceptível a importância da escola regular, em parceria com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), promover o fortalecimento dos demais sentidos — visão, tato, paladar e olfato —, fundamentais para compensar a ausência parcial ou total da audição. Através de recursos como o uso de imagens, sinais visuais, estratégias táteis, e a valorização da expressão facial e corporal, a escola amplia as formas de comunicação e compreensão, adaptando o ensino às necessidades desses alunos.

Diante dos acontecimentos, ao chegar em casa, Viviane começou a refletir sobre como seria viver em um mundo de silêncio: "Como é viver sem ouvir?" (Carrasco, 2021, p. 36), colocando-se no lugar do colega surdo. No dia seguinte, ela decidiu que queria ser amiga de Daniel e, para isso, pediu que lhe ensinasse alguns sinais em Libras, o que ele aceitou com entusiasmo. Aos poucos, o restante da turma também começou a se aproximar do rapaz, embora ele ainda tivesse dificuldade em compreender o que era dito ao seu redor. Percebendo essa barreira, Viviane perguntou a Daniel sobre a situação, mas ele não entendeu a pergunta, foi então que Nicolau, seu irmão, respondeu:

– Vivi... o Daniel fala com as mãos e ouve com os olhos, sabia? Mesmo se a gente mexer a boca bem devagar, ele ainda tem dificuldades. Você já é grande, como o Daniel, e está na sala dele. Que tal você também aprender a língua de sinais e ensinar todo mundo aqui na escola? (Carrasco, 2021, p. 40).

Logo, a menina, então, manifestou o desejo de aprender a Língua Brasileira de Sinais e sugeriu: “- Mãe, e se o Daniel também tivesse um intérprete? Alguém que pudesse explicar para ele o que a turma e a professora dizem?” (Carrasco, 2021, p. 42). Sua mãe, que é advogada, prontamente lembrou que, segundo a Lei nº 13.146/2015, é um direito dos alunos com deficiência auditiva no Brasil terem o acompanhamento de um intérprete de Libras: “- É isso mesmo, Vivi! A legislação brasileira garante que, nas escolas regulares, todo estudante com deficiência auditiva tem direito a um tradutor e intérprete de Libras. Vamos falar com os pais de Daniel e com a escola” (Carrasco, 2021, p. 42). Outrossim, segundo o Art. 23, do decreto nº 5.626/2005 garante também o acompanhamento de intérpretes de língua de sinais em sala de aula:

As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação (Brasil, 2005)

Com o passar do ano letivo, Daniel conseguiu se adaptar à escola regular. Com o apoio da intérprete de Libras e dos colegas de classe, especialmente de sua nova amiga

Viviane, ele superou os desafios escolares e construiu laços de amizade. O livro finaliza com a celebração de sua formatura no 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais, destacando o crescimento e o fortalecimento da amizade entre Daniel e Viviane. Durante a cerimônia, o menino expressa sua gratidão à amiga por tê-lo acolhido e por todo o apoio oferecido ao longo dessa jornada.

Figura 9: Última página do livro *Daniel no mundo do silêncio*



Fonte: Carrasco (2021)

Ao analisarmos a Figura 9, referente à última página do livro, observamos a amizade construída entre Daniel e Viviane, a qual o livro exhibe por meio de sinais em Libras, tendo-se uma inclusão da comunidade surda com a ouvinte. A utilização da língua de sinais não apenas enaltece a cultura e o idioma surdo, mas também reforça o laço de compartilhamento de uma realidade cultural comum. Logo, demonstra como a comunicação em língua de sinais é fundamental para a formação da identidade, além de promover o reconhecimento e a valorização das vivências e perspectivas singulares das pessoas surdas.

Portanto, a Literatura Surda exerce um papel significativo no desenvolvimento do indivíduo surdo, principalmente na criança surda que, ao se deparar com relatos de outros surdos que enfrentaram desafios semelhantes, pode encontrar suporte emocional e fortalecer sua identidade surda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto ao longo deste trabalho, podemos observar que a comunidade surda é marcada em sua trajetória histórica por lutas constantes por reconhecimento, inclusão e direitos, principalmente a educação. Desde os primórdios, quando as pessoas surdas eram marginalizadas e vistas como incapazes, até os avanços mais recentes, essa comunidade enfrentou desafios para conquistar seu espaço na sociedade. A criação de escolas especializadas, o desenvolvimento e a oficialização da Língua de Sinais, bem como a ampliação de legislações inclusivas, foram passos fundamentais nesse percurso. Hoje, a comunidade surda continua a buscar o fortalecimento de sua identidade cultural e linguística, sendo a Literatura Surda um veículo para essa ampliação.

Diante disso, o início das produções da Literatura Surda surgiram como uma forma de expressão, permitindo que a comunidade surda contasse suas próprias histórias e vivências por meio de sua língua natural, a Língua de Sinais, e de acordo com suas próprias perspectivas. Atualmente, essas obras estão conquistando espaço em diferentes mídias, de vídeos até livros, contribuindo para o fortalecimento da identidade surda. Assim, a Literatura Surda não apenas ressignifica o papel da pessoa surda na sociedade, como também reafirma a importância de sua língua e cultura, ampliando a representação e as possibilidades de inclusão no meio social.

Dando continuidade a pesquisa, no capítulo dois é apresentado as contribuições que a Literatura Surda apresenta para a representação identitária da criança surda, dialogando com autores como Karnopp (2010), Strobel (2009) e Rosa (2011). Além de cooperar para a valorização da Língua de Sinais, essa literatura oferece às novas gerações da comunidade surda a oportunidade de se identificarem com personagens e enredos que espelham suas próprias realidades, preservando a memória e cultura surda.

Em consideração a isso, o(a) pedagogo(a) se apresenta como um mediador entre a cultura surda e os processos de aprendizagem. Ao proporcionar um ambiente bilíngue e inclusivo, com práticas pedagógicas que respeitem as suas determinadas especificidades linguísticas, o(a) educador(a) contribui para que a criança surda tenha acesso à sua língua natural, a Língua de Sinais, fortalecendo sua identidade, a identidade surda. Dessa forma, ao exercitar a construção de uma identidade surda autônoma na infância, através dos livros infantis, essa criança surda terá suas múltiplas dimensões sociais, cognitivas e emocionais em pleno desenvolvimento.

O terceiro capítulo é a culminância deste trabalho, a qual é apresentada a análise detalhada do livro *Daniel no mundo do silêncio*, de Walcyr Carrasco, obra infantojuvenil que tem como protagonista principal um personagem surdo, caracterizando-se assim, como um livro da Literatura Surda. A narrativa, apresentada na Língua Portuguesa escrita e com ilustrações de sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras), promove a reflexão sobre a importância da aceitação e do respeito à diferença, permitindo que crianças surdas se identifiquem com o “mundo do silêncio” exposto pelo personagem Daniel, com destaque fundamental para o papel da comunidade escolar no desenvolvimento de uma identidade positiva na criança surda.

Conclui-se, portanto, que a Literatura Surda apresentada desde a mais tenra infância, permite a valorização da língua, cultura e experiências da criança surda, refletindo em sua representação identitária. Por meio de histórias contadas na Língua de Sinais ou que apresentem personagens surdos, a criança surda encontra um espaço de identificação e reconhecimento, fortalecendo na construção da autoestima, mostrando a surdez como uma diferença linguística e cultural, e não uma limitação, assim, desenvolvendo sua participação ativa na comunidade.

REFERÊNCIAS

AMBRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. **Decreto n. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 28, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial (SEESP); Secretaria de Educação a Distância (SEED); Ministério da Educação (MEC). **Atendimento educacional especializado: pessoa com surdez**. Mirlene Ferreira Macedo Damázio. Brasília, DF: MEC, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/> . Acesso em: 18 jul. 2024.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CALIXTO, Hector R. da Silveira; CASTRO, Fernanda G. A. S. de. **Aspectos históricos e legais sobre a educação de surdos no Brasil: do império à república velha**. Uberlândia, 2015.

CARRARO, Eloyse Alves; DEL MOURO, Karianny Aparecida Gerotto. **O processo histórico da língua brasileira de sinais**. ENCITEC, s.d. Disponível em: https://www2.fag.edu.br/coopex/inscricao/arquivos/encitec/20161023-210408_arquivo.pdf. Acesso em: 3 ago. 2024.

CARRASCO, Walcyr. **Daniel no mundo do silêncio**. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2021.

CERQUEIRA, Ivanete de Freitas; TEIXEIRA, Elizabeth Reis. O que a história nos conta sobre a língua de sinais. **Muiraquitã: revista de letras e humanidades**, v. 10, n. 2, jul.-dez. 2022. ISSN 2525-5924. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/6159/3942> . Acesso em: 18 jul. 2024.

FELÍCIO, M. D. Tradução em português de histórias infanto-juvenis produzidas e contadas por surdos na língua brasileira de sinais. In: **Anais do Congresso nacional de pesquisas em tradução e interpretação de libras e língua portuguesa**, 3., 2012, Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2316-2198.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir da Gloria. **A musicalidade do Surdo: representação e estigma**. São Paulo: Fecho Editora, 2003.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, n. 36, p. 155-174, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i36.1605>. Acesso em: 21 jul. 2024.

KARNOPP, L. B.; MACHADO, Rodrigo N. Literatura surda: ver histórias em língua de sinais. In: **Anais do 2º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (CD) – 2SBECE**, Canoas: ULBRA, 2006.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Licenciatura em Letras - Libras na modalidade a Distância - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

LACERDA, Cristina B. F. Feitosa de. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MOURÃO, C. H. N. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. In: **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED SUL**, 2012, Caxias do Sul-RS. Anais do IX ANPED SUL 2012. Caxias do Sul/RS: UPPLAY, 2012. p. 1-18.

NAKAGAWA, H. E. **Culturas surdas**: o que se vê, o que se ouve. 2012. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8801>. Acesso em: 27 jul. 2024.

ROSA, Fabiano Souto. **Literatura surda**: o que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Pelotas (RS), 2011. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1699/1/Fabiano_Souto_Rosa_Dissertacao.pdf. Acesso em: 21 jul. 2024.

ROSA, F. S.; KLEIN, M. Literatura surda: marcas surdas compartilhadas. In: **Anais do XVIII Congresso de Iniciação Científica (CIC) e XI ENPOS, I Mostra Científica**, 2009. INcompleto.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. A tradução intersemiótica do conto de histórias em Libras. **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras**, n. 002/2016. [Artigo em Libras publicado em vídeo, 37m42s]. Florianópolis: UFSC, 2016. Disponível em: <revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br>. Acesso em: 4 ago. 2024.

SKLIAR, C. Bilinguismo e biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 8, p. 44-75, mai.-ago. 1998. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_06_CARLOS_SKLIAR.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância. Florianópolis, 2009. Disponível em:

https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf . Acesso em: 18 jul. 2024.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Tradução Gustavo Gusmão. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.

TAUMATURGO, Andreina Silva. **Verbo-visualidade à luz de Bakhtin: análise da história em quadrinhos em formato de cordel — “Kika e a estrela encantada”**. 2024. 120 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes) - Universidade Federal da Paraíba, 2024.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: Ed. W.V.A., 1997.